

12ª edição

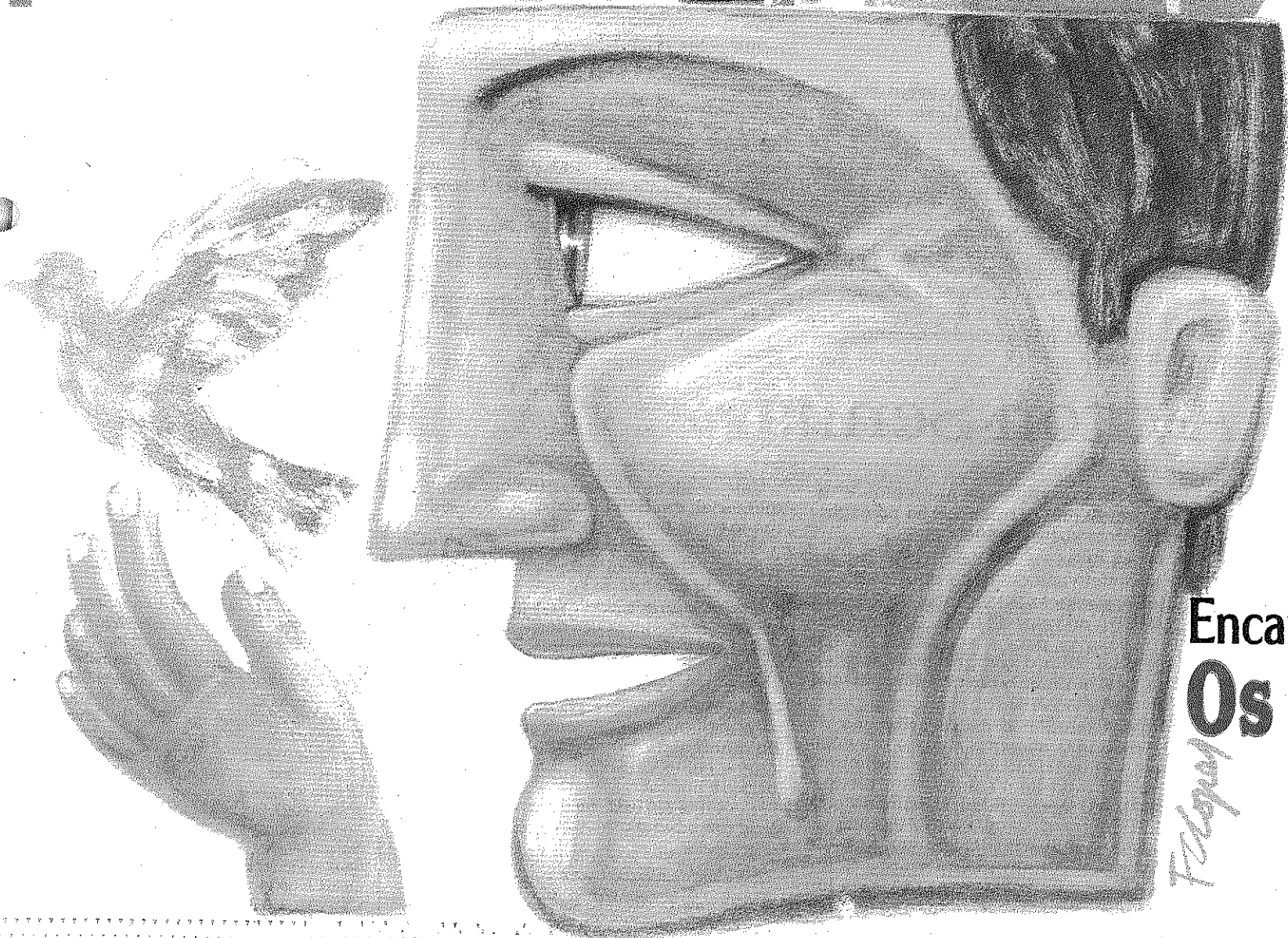
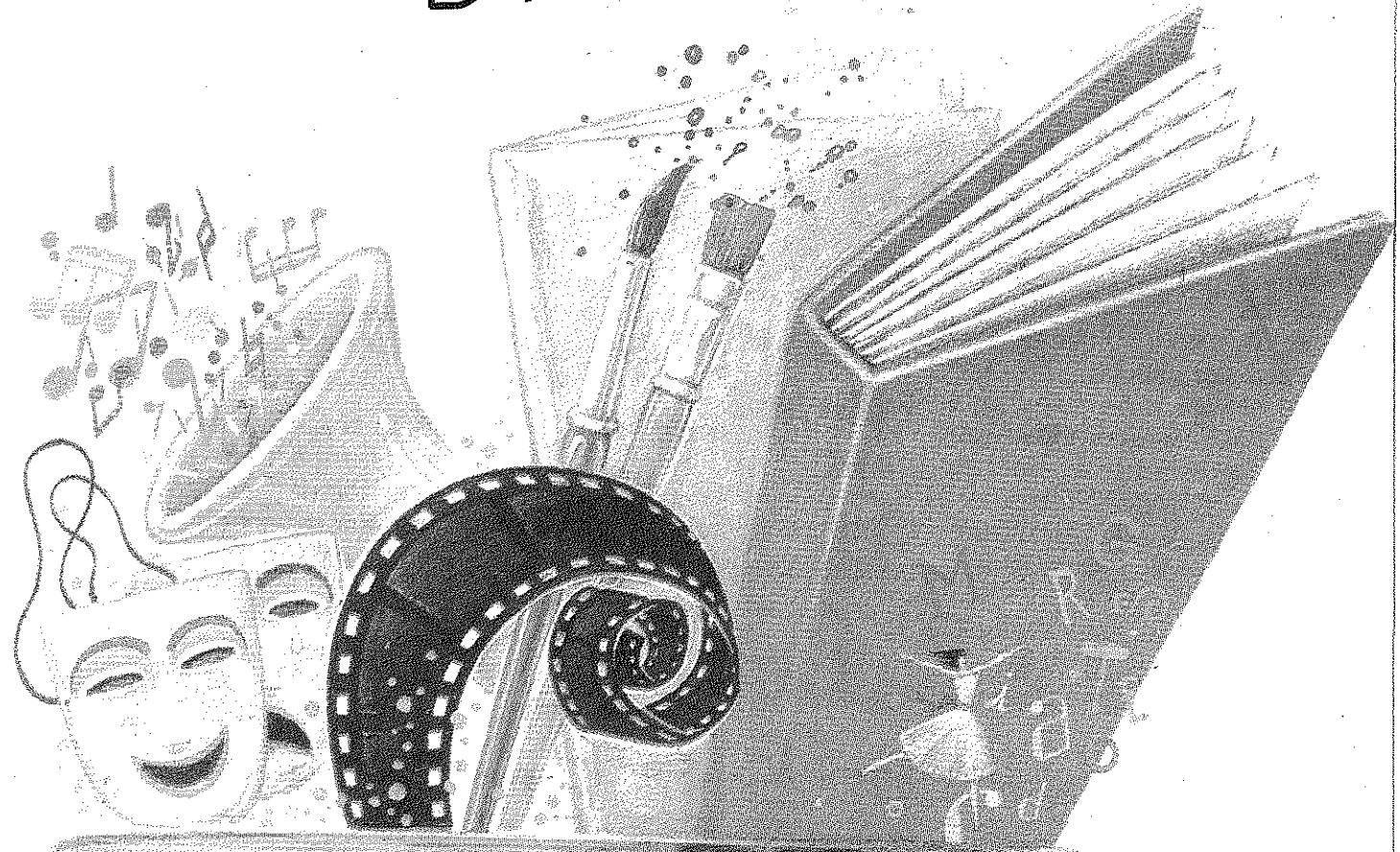
DF
L • E • T • R • A • S
DI



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,
Imagens,
palavras**



Encarte especial
Os poetas

Filipe

A MPB está com a bola cheia

□ Renato Vivacqua

Este artigo é oportuno por dois motivos: primeiro para mostrar que o culto aos ídolos do futebol, via canção popular, é muito antigo, e não se iniciou como pensam as gerações mais novas, em 1958 com a conquista de nosso primeiro título mundial, atingindo o auge com a chamada (exageradamente) epopéia do tri. Segundo, porque se aproxima mais uma Copa do Mundo que vai galvanizar todo o País. O futebol é, incontestavelmente, uma paixão nacional. "A pátria de chuteiras", como rotulava o "frasista" Nelson Rodrigues. Alguns o acusam de alienante, de uma forma de escapismo capitalizada pelos governos para desviar o povo do ronca-ronca da barriga vazia. Oswaldo de Andrade fugitava: "Quem negará ao futebol esse condão da catarse circense com que os velhos sábidos de Roma lambuzavam o pão triste



das massas". Sem tomar partido na análise política, tenho que reconhecer que através de seus mitos esse esporte é capaz de sensibilizar todas as camadas da população. É realmente

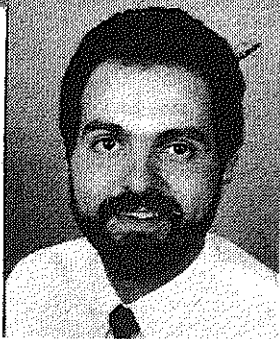
sem preconceitos, impregnando indistintamente pobres, ricos, cultos, incultos, pretos e brancos. Até as mulheres desmoralizando o antigo chavão de que o "futebol é pra macho" vêm ocupando seu espaço. Não se pode negar também que é um dos poucos veículos que per-

mite ascensão social àqueles sem nenhuma perspectiva no devorador sistema capitalista. Nem sempre foi assim. Quando surgiu em 1894 era elitista, cheio de Pullens, Murrays e outros gringos, mesclados a poucos brasileiros abona-dos e alvos. A democratização, principalmente o desagravo à melanina, começou a engatilhar a partir de 1919, no pé de um mulato claro, genial, descendente de alemães, de nome pomposo: Friedenreich, que marcou o

gol da vitória no Campeonato Sul-Americano daquele ano. Ele foi o primeiro grande ídolo tupiniquim. Mas ele tinha olhos verdes e nome estrangeiro. Foi só um alento, pois em 1921 o presidente Epitácio Pessoa foi contra a convocação de "cidadãos de cor" para a Seleção. A Música Popular estava atenta ao fenômeno que surgia e Pixinguinha compôs um gostosíssimo choro intitulado 1 a 0, louvando o gol do "El Tigre" Friedenreich. O romantismo acabou em 1933 com o surgimento do profissionalismo. No seu caudal veio a mercantilização tanto do craque como do cartola. Um samba antigo mostra com propriedade a mudança:

O Pé de Ouro, Pé de Ouro/Grande jogador/Chega em frente ao gol e pergunta/Quando é o bicho, seu doutor?

Em 1931 ainda vigorava o amadorismo. Isso não excluía que os craques da época recebessem agrado dos dirigentes. Noel Rosa



Agnelo Queiroz
- PC do B

Agnelo incentiva cultura

O brasileiro poderá pagar ingressos mais baratos nos espetáculos culturais. A iniciativa é do deputado Agnelo Queiroz (PCdoB), que apresentou este mês um projeto de lei autorizando o Executivo a conceder isenção do ISS (Imposto Sobre Serviço) a artistas, técnicos e produtores culturais. "O Estado tem obrigação de contribuir com as atividades culturais. "A cultura é tão importante quanto saúde e educação", justifica o parlamentar. Ele explicou que o projeto que cria incentivo fiscal sobre o ISS é uma

matéria de competência exclusiva do Executivo, mas acredita que com a mobilização dos artistas, dos técnicos em espetáculos de diversões e dos produtores vai garantir a aprovação do projeto e a aplicação do incentivo. Com esse projeto, Agnelo pretende baratear os custos dos espetáculos culturais realizados em Brasília, que acabam sendo repassados para os preços dos ingressos. Um dos motivos alegados pelos empresários culturais é exatamente a carga tributária. "É importante a

isenção de impostos para garantir o acesso da população às produções culturais". Os artistas e técnicos também serão contemplados com a isenção de ISS. Atualmente, a categoria no Rio de Janeiro recebe esse tipo de incentivo fiscal. Agnelo Queiroz é também autor da lei da meia entrada que facilitou o acesso dos estudantes às produções e eventos culturais. Através dessa lei, os estudantes só pagam a metade dos preços dos ingressos em cinemas, teatros, shows e qualquer outro espetáculo cultural.

retrata isso com propriedade em sua bem bolada composição denominada "Quem dá mais" ou "Leilão do Brasil".

Quem dá mais.../Por uma mulata que é diplomata/Em matéria de samba e de batucasa/Com as qualidades de moça formosa/Fiteira, vaidosa e muito mentirosa? /Cinco mil réis... Duzentos mil réis... um conto de réis/Ninguém dá mais que um conto de réis? / O Vasco paga o lote na batata/ E em vez de barata/ Oferece ao Russinho uma mulata. O Vasco é o time da colônia lusa, o que justifica a oferta da mulata como incentivo. Barata ou baratinha era o carro esporte da moda e Russinho jogador vascaíno muito badalado.

Outro atleta do Vasco muito famoso foi focalizado por Wilson Batista, flamenguista doente, e Garcez. Gravado para o Carnaval de 1946 por Linda Batista, foi muito cantado:

Vamos lá que hoje é de graça/No boteco do José/Entra homem, entra menino/Entra velho, entra mulher/ É só dizer que é vascaíno/ Que é amigo do Lelé.

O mesmo Wilson Batista, em 1955, agora com J. Castro, faz apologia dos craques rubro-negros no "Samba Rubro-negro":

Flamengo joga domingo/Eu vou prá lá/Vai haver mais um baile/No Maracanã/O mais querido/Tem Rubens, Dequinha e Pavão/Eu já pedi a São Jorge/Pro Mengo ser campeão.

João Nogueira regravou colocando o samba na máquina do tempo e trocando o nome dos jogadores para Zico, Adílio e Adão. Gal fez o mesmo. Wilson deve ter espumado no caixão.

Recuando mais um pouco vamos até 1938 quando Carmem Miranda gravou "Deixa Falar" de Nelson Petersen:

Você pensava que o "Diamante" fosse jóia de mentira/Para tapear/Você pensava que o "Caboclinho" fosse negro de senzala/Para se comprar.

Só porque viu que ele tem um pé que deixou/O mundo inteiro em revolução/Quando ele bota aquele pé em movimento/Chuta tudo pra dentro e não tem sopa não.

O "Diamante" citado era o apelido de Leônidas da Silva, um dos maiores nomes do futebol brasileiro de todos os tempos. O chocolate "Diamante Negro" é uma homenagem a ele. Virou marca de cigarro. Foi inventor da bicicleta, a jogada acrobática. Nesta Copa de 1938 foi o artilheiro, não tendo jogado a partida contra a Itália quando fomos eliminados. Houve comentários na época de que simulara contusão para não enfrentar os italianos, aliciado que fora por Mussolini, que transformara a Copa num acontecimento político para trombetear as virtudes do fascismo. O samba é portanto um desagravo às calúnias contra o jogador. Moreira da Silva,

com muita "verve" balançava em 1941 com o samba "Doutor em Futebol", de Moacyr Bernardino e Waldemar Pujol:

Eu nasci para ser um craque da pelota/ Não é mentira, nem loro-ta./Porém o meu amor minha carreira quer cortar/Pra Medicina eu estudar./E me formar em doutor.../Eu hei de me formar um astro verdadeiro./Um perigoso artilheiro/E ser o sucessor do Pirilo/E suplantando o seu Nandinho/E no dribble de corpo/Botar no bolso o meia-esquerda tricolor/Eu vou mostrar o meu valor/O Diamante Negro vai perder seu brilho/A estrela se apagou/Eu quero ser "futiboler"/E não doutor.

A perda das Copas Roca e Rio Branco para Argentina e Uruguai, de maneira bisonha em 1941, deu origem a uma embolada raiosa de Zé do Norte, que livra a cara de poucos:

Essa camada que tem pé de batê sola./Diz que sabe jogar bola/Mas não sabe fazer gol./ Agora dizem que o culpado foi Lagreca/Que quase levou a breca/Porque foi treinador.../Diamante Negro,/E Zé Procópio é um talento/Dou um viva pro Romeu/E dou um abraço a Nascimento/O resto todo eu não falo/Não comento/Jogador de meia cara/Não se fala no momento.

reverenciá-lo:

Eu, que pego o bonde 12 de Ipanema/Pra ver Oscarito e Grande Otelo no cinema./Domingo no Rian, humm/E deixa eu querer mais, mais paz/Quero um pregão de garrafeiro/ZIZINHO no gramado.

Zizinho na sua fase áurea no Flamengo tinha como escudeiro um torcedor fanático: Ciro Monteiro, capaz de obrigá-lo a exercitar um joelho operado, de manhazinha na praia muito a contra-gosto. Da amizade nasceu o samba "Mestre Ziza". Como puderam observar o futebol impregnava os maiores compositores. Evaldo Rui e Custódio Mesquita não fogem à regra com "Pretinho", de 1944:

Na roda de samba tem fã pra chuchu/Nasceu lá no Largo do Estácio/É fã do Perácio/Não perde um Fla x Flu.

Perácio foi idolo do Flamengo. Possuía um chute fantástico. Foi pracinha na Segunda Guerra e apesar da fama era muito simplório. Conta Mário Filho que numa recepção ele estava sendo paquerado por uma jovem e não se decidia a ir conversar com ela. Até que incentivado pelos amigos encorajou-se, aproximou-se e largou a cantada: "A senhorita joga sinuca? Dou vinte pontos de vantagem".

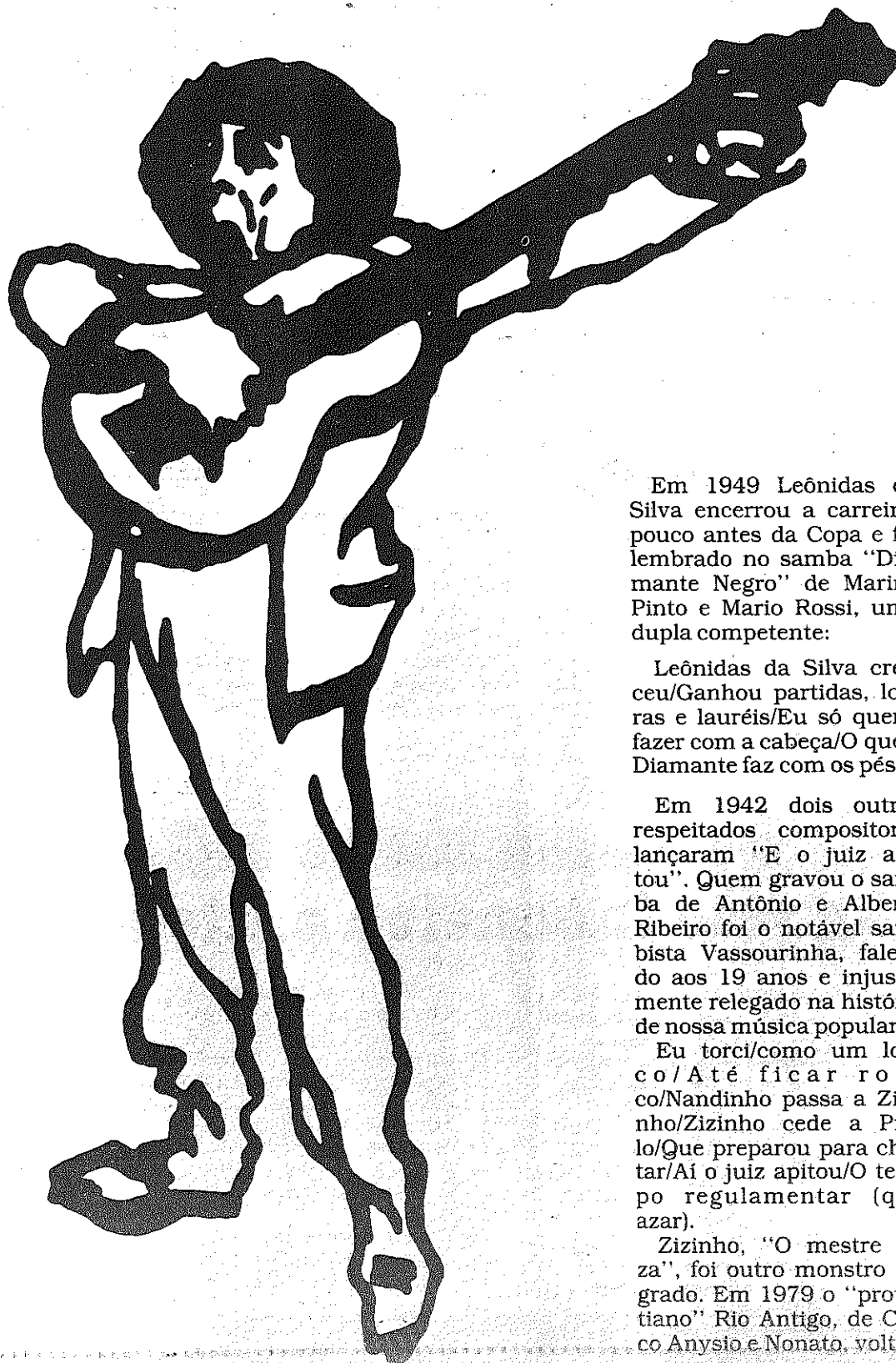
Em 1950 aconteceu o maior trauma coletivo da Nação: a perda da Copa do Mundo para os uruguaios em pleno Maracanã. Ary Barroso era um dos empolgados como mostra neste horroroso ufanista, "O Brasil há de ganhar":

É a raça brasileira/Numa festa altaneira/Mostrando que é boa e varonil/Quando o time aparecer/Gritamos até morrer/Brasil. Brasil.

Mas como Deus é brasileiro a alegria em 1954 com o Corinthians conquistando o campeonato do Quarto Centenário e homenageado por Adoniran Barbosa e Blota Jr. no samba "Gol do Amor".

Gol do Baltazar, Gol do Baltazar/Salve o "Cabecinha"/Um a zero no placar.../Fico maluco com a miséria do Gilmar/ Os dribles do Luizinho/ E os gols do Baltazar.

Renato Vivacqua é historiador da MPB.



Em 1949 Leônidas da Silva encerrou a carreira, pouco antes da Copa e foi lembrado no samba "Diamante Negro" de Marino Pinto e Mario Rossi, uma dupla competente:

Leônidas da Silva cresceu/Ganhou partidas, lou-ras e laureis/Eu só queria fazer com a cabeça/O que o Diamante faz com os pés.

Em 1942 dois outros respeitados compositores lançaram "E o juiz apitou". Quem gravou o samba de Antônio e Alberto Ribeiro foi o notável sambista Vassourinha, falecido aos 19 anos e injustamente relegado na história de nossa música popular:

Eu torci/como um louco/Até ficar rouco/Nandinho passa a Zizinho/Zizinho cede a Pirilo/Que preparou para chutar/Ai o juiz apitou/O tempo regulamentar (que azar).

Zizinho, "O mestre Ziza", foi outro monstro sagrado. Em 1979 o "proustiano" Rio Antigo, de Chico Anysio e Nonato, volta a